**LITERATURA PEDAGÓGICA E ESCOLARIZAÇÃO DA INFÂNCIA: OS MODOS DE ENSINAR E EDUCAR DA “CIÊNCIA DA BIBLIOTECA”**

**Autora: Hercília Maria Fernandes**

Doutora em Educação | UFRN

Professora Adjunta | Universidade Federal de Campina Grande | UFCG

E-mail: fernandeshercilia@gmail.com

**Resumo**:

Os reformadores da Escola Nova brasileira, desde a década de 1920, passaram a questionar o modelo de formação docente ligado à pedagogia da “caixa de utensílios”. A essa altura, a pedagogia moderna havia a sua hegemonia questionada pela pedagogia da Escola Nova; ofertando materialidade a um novo modelo de formação, baseado em “saberes autorizados” associados à pedagogia da “ciência da biblioteca”. Considerada essa direção de entendimento e a teoria da “forma escolar”, o objetivo do trabalho consiste em refletir os modos de ensinar e educar orientados pela literatura pedagógica da “ciência da biblioteca”. Constituindo uma pesquisa histórica, a metodologia envolve a análise de dois manuais pedagógicos do século XX: “Vida e educação no jardim de infância” (1967), de Heloísa Marinho, e “O que é jardim de infância” (1965), de Nazira Féres Abi-Sáber. Igualmente, uma revisão bibliográfica acerca dos fundamentos que constituíram os “saberes autorizados” das professoras especialistas em educação de crianças. Como considerações finais, o artigo reflete que os modos de ensinar e educar instituídos na educação infantil se aproximaram mais da literatura pedagógica de Nazira Abi-Sáber, colaborando para que as instituições infantis assumissem uma identidade escolar.

**Palavras-chave**: Literatura pedagógica. Escolarização da infância. Heloísa Marinho. Nazira Abi-Sáber. Saberes autorizados.

**Introdução**

Os reformadores da Escola Nova brasileira, desde a década de 1920, apropriando-se das formulações teóricas e práticas de John Dewey, passaram a questionar o modelo de formação docente ligado à pedagogia como “arte de ensinar”; definido por Carvalho (2000) como o modelo pedagógico da “caixa de utensílios”. A essa altura, a pedagogia moderna havia a sua hegemonia questionada pela pedagogia da Escola Nova; ofertando materialidade a um novo modelo de formação docente, baseado em “saberes autorizados” associados a pesquisas experimentais, fundamentadas nas Ciências da Educação. Modelo esse identificado por Carvalho (2000) como o da “ciência da biblioteca”.

Compreendendo que a criança deveria consistir o centro da aprendizagem, concepções sobre a atividade infantil seriam redefinidas. Da direção da intuição, a ênfase recairá nas “atividades livres e criadoras” da primeira infância, em ambiente escolar psicológica e pedagogicamente organizado (FERNANDES, 2018). Na redefinição do conceito de atividade, as noções de “interesse”, “necessidade”, “ambiente” e “programa escolar” se desenvolveriam interligadas. Dos saberes do Normal Primário acerca desses fundamentos teóricos e metodológicos dar-se-ia “[...] a série de atividades educativas em que a criança se vai empenhar para progredir mais rapidamente, de acordo com a sabedoria da experiência humana, em sua capacidade de viver” (TEIXEIRA, 1978, p. 63).

Para Dewey (2002, p. 42), a vida da criança na escola deveria tornar-se um “objetivo dominante”. Todos os meios necessários para favorecer o desenvolvimento infantil deveriam centrar-se nesse objetivo. Não seria suficiente à criança apenas aprender, mas “[...] antes de mais viver, e aprender através e em interação com esta vivência”. Sendo a criança natural e intensamente ativa, a escola deveria se esforçar em “[...] gerir essas atividades e dar-lhes um rumo definido” (DEWEY, 2002, p. 42).

Em observância às ideias de Dewey, Anísio Teixeira (2007) defendeu o “bom lar” como o melhor local para o estudo da criança, sendo necessário assemelhar as escolas tanto “[...] quanto possível ao lar, e tão dotada quanto possível dos recursos naturais para a vida infantil” (TEIXEIRA, 2007, p. 78). A educação pré-escolar, para tornar a “criança conhecida”, exigia uma mentalidade e uma atitude científica por parte dos educadores, pautadas na ausência de preconceitos e na observação mais conscienciosa, que resultariam em “[...] mais respeito e mais amor e mais inteligência diante da criança, que é ainda uma grande desconhecida, e, mais do que todas, a criança de menos de 6 anos” (TEIXEIRA, 2007, p. 79).

Para tornar a “criança conhecida” e construir um corpo de conhecimentos teóricos e metodológicos confiáveis, Anísio Teixeira (2007) defende a ideia de transformar os educadores da pré-escola em “especialistas” de crianças, sendo esses saberes oriundos de práticas experimentais, testados e analisados em escolas-laboratórios instaladas nos Centros de Pesquisas. Dos estudos objetivos com crianças se originariam os saberes das jardineiras especialistas, fornecendo os elementos necessários à elaboração de manuais e programas de ensino, em interlocução às propostas educativas dos principais estudiosos da criança (FERNANDES, 2018).

Considerada essa direção de entendimento e a teoria da “forma escolar” (VINCENT; LAHIRE; THIN, 2001), o objetivo do trabalho consiste em refletir os modos de ensinar e educar orientados pela literatura pedagógica do modelo de formação docente vinculado à “ciência da biblioteca”. Constituindo uma pesquisa histórica, a metodologia envolve a análise de dois manuais pedagógicos do século XX, que contribuíram para instaurar uma forma e um modo particular de socialização da primeira infância nas instituições pré-escolares: *Vida e educação no jardim de Infância* (1967), de Heloísa Marinho, e *O que é jardim de infância* (1965), de Nazira Féres Abi-Sáber. Além da análise dessas fontes, a metodologia contempla uma revisão de literatura acerca dos fundamentos que contribuíram para compor os “saberes autorizados” das professoras especialistas em educação de crianças.

**Manuais pedagógicos escolanovistas: atributos e significados**

Os fundamentos pedagógicos postulados por John Dewey, Maria Montessori e Jean-Óvide Decroly constituíram o corpo de conhecimentos propagados pelas professoras especialistas em educação pré-primária Heloísa Marinho e Nazira Féres Abi-Sáber, em publicações elaboradas de conformidade aos “estudos objetivos da criança”, desenvolvidos nos Institutos de Educação do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte (ABI-SÁBER, 1963, 1965; MARINHO, 1967, 1980). Essas obras foram produzidas em práticas efetivadas nas Escolas Laboratórios e em Cursos de Especialização de professores pré-primários, de onde se originaram currículos e programas de atividades, que nortearam a organização institucional e pedagógica dos Jardins de Infância e escolas primárias brasileiras no século XX.

No tocante à proposta pedagógica de Heloísa Marinho, o “Currículo por Atividades” seria resultante de “vinte e seis anos” de trabalho junto à capacitação de “[...] cerca de mil professoras públicas”, em que se almejou “[...] instituir o currículo por atividades na educação pré-escolar e na habilitação em serviço do magistério” (MARINHO, 1980, p. 163). Em relação à proposta de Nazira Abi-Sáber, a organização institucional e pedagógica do Jardim de Infância por “Centros de Interesses” seria decorrente da “[...] experiência já adquirida na aplicação do nosso ‘programa’ e nos seus próprios conhecimentos e prática de magistério [...]”, em que foram feitas modificações “[...] com a ajuda das professoras bolsistas do PABAEE” (ABI-SÁBER, 1963, p. 7).

Valdemarin (2010), propondo uma análise dos manuais escolanovistas do século XX, ressalta que os autores desse tipo de “impresso” qualificam-se a partir do exercício da experiência no magistério, da ocupação de cargos na hierarquia escolar e da própria produção bibliográfica com as quais angariam posições na conjuntura de interferir no sistema. Para essa pesquisadora, a experiência pedagógica dos autores é sempre explicitada “[...] como justificativa para elaboração desses livros, assim como os exemplos de atividades transcritas e, obviamente, o conhecimento do autor sobre elas” (VALDEMARIN, 2010, p. 129).

Por meio dos manuais, os autores expõem uma apropriação criativa, discursiva e instrumental das teorias estratégica e metodicamente difundidas. Com essa atitude, “[...] criam uma rede de relações significativas” (VALDEMARIN, 2010, p. 130), onde são fabricados novos sentidos; especialmente quando fornecem aos professores “[...] um sentido de continuidade entre o que já fazem e as inovações pretendidas, sem ameaçá-los com a necessidade de ruptura” (VALDEMARIN, 2010, p. 130).

As análises feitas por Valdemarin (2010) podem ser observadas na literatura pedagógica das professoras Heloísa Marinho e Nazira Abi-Sáber. Esses livros podem ser concebidos como um conjunto de “saberes autorizados”. A autorização dos saberes se associa à legitimidade dos resultados obtidos em práticas experimentais, e, igualmente, pelo reconhecimento de educadores renomados, que “atestavam” a notoriedade dessas propostas em escritas de prefácios e publicações análogas. A autorização se articula, por fim, às ações de órgãos vinculados ao Ministério da Educação, como o INEP e o PABAEE, que, além de apoiar a publicação, autorizavam a circulação nas escolas brasileiras (FERNANDES, 2018).

Sendo assim, os manuais pedagógicos de Heloísa Marinho e Nazira Abi-Sáber podem ser vistos como um conjunto de “[...] saberes escriturais formalizados, saberes objetivados, delimitados, codificados, concernentes tanto ao que é ensinado como à maneira de ensinar, tanto às práticas dos alunos, quanto às práticas dos mestres” (VINCENT; LAHIRE; THIN, 2001, p. 28). Ou seja, podem ser considerados como saberes de uma forma escolar e de um modo escolar de socialização articulados a finalidades notadamente políticas (VINCENT; LAHIRE; THIN, 2001).

**Os modos de ensinar e educar de Heloísa Marinho**

A pesquisadora e educadora Heloísa Marinho foi uma das vozes mais atuantes, no século XX, em defesa da educação pré-primária no Brasil. Além da expressiva produção literária, Heloísa Marinho “[...] planejou, organizou, estruturou e coordenou, em diferentes momentos de sua carreira, cursos de formação de professores” (LEITE FILHO, 2011, p. 80).

Heloísa Marinho iniciou a sua formação docente em 1922, no Curso Normal de Formação da Professora Primária do Colégio Bennett. Após se formar professora primária, em 1923, prossegue seus estudos nos Estados Unidos. Na Universidade de Chicago, estabelece contato com as ideias de John Dewey. Ao regressar ao Brasil, torna-se assistente do professor Lourenço Filho, no Instituto de Educação do Rio de Janeiro. No Instituto, estabelece inúmeras relações com o seleto grupo de reformadores da educação nacional. Autonomeava-se discípula do professor Lourenço Filho, mas também de Anísio Teixeira e fez-se conhecer por Fernando de Azevedo (LEITE FILHO, 2011).

Em 1952, Heloísa Marinho é nomeada Membro da Comissão, pelo Departamento de Educação, para elaborar e publicar um “Programa Guia de Educação Pré-Primária” para a Secretaria Geral de Educação e Cultura do Rio de Janeiro. O “guia”, produzido e publicado pela editora Noite, recebeu o nome *Vida e Educação no Jardim de Infância*; tendo sido revisado, ampliado e republicado posteriormente, pela editora Conquista, como livro de Heloísa Marinho.

Em *Vida e educação no Jardim de Infância*, obra que alcançou 3 (três) edições (1952, 1960 e 1967), Heloísa Marinho se inspira no título da obra de John Dewey, para evidenciar a direção filosófico-pedagógica de sua proposta educativa destinada aos Jardins de Infância do Rio de Janeiro; que fundamenta-se, basicamente, em duas bases principais: de um lado, as ideias de Froebel; e, de outro, as de John Dewey. Sendo concebido um “livro básico” à biblioteca de educadores, a obra está organizada mediante 4 (quatro) blocos temáticos centrais: “Vida e educação”, “Vida e saúde”, “Vida e linguagem”, e “Vida social”, compreendendo temas relativos à finalidade da educação pré-primária e do Jardim de Infância, à criança e à organização de um Jardim, ao currículo, à formação da professora, à seleção e organização das atividades etc.

Pela estrutura organizacional do livro, convém considerar o conceito de “vida” da autora. Para Heloísa Marinho, “vida” significa ação natural com a mais ampla espontaneidade. Nesse sentido, demonstra compartilhar das ideias de John Dewey, no sentido de a escola infantil tornar-se uma “pequena sociedade”. A vida da criança deve ser o eixo central das atividades; considerando que a “[...] experiência social precede a formação de conceitos intelectuais” (MARINHO, 1967, p. 33).

Constituindo um guia prático que conduz à reflexão, o livro assume, igualmente, uma finalidade utilitária ao explicitar quais modos de ensinar e educar estariam coerentes a uma orientação educativa fundamentada na espontaneidade da evolução natural da criança. Na obra, Heloísa Marinho articula reflexões teóricas a exemplificações práticas, evidenciando como organizar o espaço, a sala de aula, o horário, as atividades, o currículo etc. em observância à atividade criadora das crianças.

Ao propor reflexões e exemplificações práticas, se aproxima das concepções de Froebel, mas se distancia do modelo pedagógico do *Kindergarten* tradicional, na medida em que vislumbra uma sala de aula em que sejam dadas às crianças condições adequadas para escolher as próprias vivências; conforme ilustra no seguinte cenário:

Em ampla sala encontram os pequenos tintas coloridas, papéis de variados matizes, tesouras, o canto da boneca, os carros, os jogos de construção. No início do dia a roda de crianças conversa com a mestra [...]. Uns viram na praia os navios; outros foram às festas de aniversário. Na mesa da pintura a dedos, mãos pequeninas espraiam a tinta macia sobre o papel molhado. [...] Cada criança realiza a aprendizagem a seu modo: umas apenas rabiscam, outras desenham cenas. Todos tem o direito de progredir, de viver a sua própria vida, dentro da pequena sociedade do Jardim (MARINHO, 1967, p. 43).

Ao se aproximar do conceito de “experiência” deweyano, a autora defende que não “[...] é possível traçar normas rígidas de um programa pré-escolar [...]”; pois o “[...] desenvolvimento é criador” e a “[...] criança conquista seu mundo pela experiência própria” (MARINHO, 1967, p. 31). O currículo do Jardim de Infância deveria ser constituído, nesse sentido, por “vivências” e não por aulas a serem ministradas mecanicamente. O programa do Jardim deveria abranger, assim, “[...] situações naturais da vida semelhantes ao ambiente familiar” (MARINHO, 1967, p. 31).

Tendo como guias as experiências espontâneas e naturais vivenciadas no seio da família, o currículo do Jardim de Infância deveria incluir os seguintes eixos programáticos: i) a saúde; ii) a vida social; iii) o prazer da música; iv) o trabalho criador das artes plásticas; v) o convívio com a natureza e o mundo variado das coisas; vi) a observação e o comentário espontâneo da experiência; vii) a fantasia no reino encantado das estórias; e, viii) a formação de hábitos indispensáveis à vida. As atividades a serem planejadas e executadas pela educadora deveriam, assim, se guiar nos seguintes princípios: nas aptidões próprias; no brinquedo espontâneo; na liberdade na escolha do material; e, no convívio com a natureza (MARINHO, 1967, p. 48-49).

Para Heloísa Marinho, as atividades espontâneas deveriam ocupar a maior parte do tempo escolar. Porém, o “horário” de algumas atividades deveria “[...] ser *fixo*, facilitando a formação de hábitos” (MARINHO, 1967, p. 53, grifo nosso). Nesse sentido, “canções” e “sinais dados” com o auxílio de instrumentos musicais auxiliariam “[...] a professora a lembrar à criança que delas se espera”, podendo um “[...] horário ilustrado pela criança com desenhos ou pinturas espontâneas” servir “[...] a esse mesmo fim” (MARINHO, 1967, p. 53).

A organização do ambiente e do material a ser explorado pelas crianças assume grande valor na pedagogia de Heloísa Marinho. Antes da chegada das crianças, a professora deveria verificar “[...] a limpeza da sala e das instalações sanitárias, e a condição do material necessário ao trabalho do dia”, de modo a estarem à disposição das crianças as diversas “técnicas de arte” (MARINHO, 1967, p. 54). Feitas essa preparação, seleção e disposição do material, a educadora deveria sentar as crianças no assoalho e distribuí-las em forma de semicírculo; posto que a disposição das crianças no “chão” “[...] poupa tempo, e aproxima o grupo” (MARINHO, 1967, p. 55).

Após a canção de “boas vindas”, “leitura do calendário” e “observação do tempo”, a professora daria processo a uma “conversa inicial”, em que as crianças “[...] relatam novidades e fazem planos para as atividades do Jardim” (MARINHO, 1967, p. 56). Dessa forma, a educadora deveria incentivar a apreensão por parte das crianças dos seguintes hábitos: ouvir com atenção quando outros falam, falar de modo a ser ouvido e não gritar. Para tal, o uso da voz “suave” da professora seria o melhor meio de fazer a criança desenvolver o mesmo hábito (MARINHO, 1967, p. 56).

Terminada a conversa inicial, a professora auxiliaria, então, a distribuição das crianças pelas várias atividades de “livre escolha”. Esses modos de ensinar e educar foram explicitados por Heloísa Marinho em o capítulo “A professora”. Nessa parte, a autora segue a mesma forma literária de “conto”, adotada em outros capítulos. Através de um cenário fictício, descreve como a sua “jardineira especialista”, então nomeada “D. Maria”, desenvolve as ações diárias em seu Jardim de Infância “ideal”.

No tocante à “hora chegada”:

Manhã no Jardim de Infância, D. Maria, a professora, chega cedo. Abre as janelas e os armários, verifica a limpeza da sala [...]. Chegam as primeiras crianças. Joaninha, compenetrada, quer levar numa das mãos as flores, e na outra o vaso para enchê-lo d’água. A professora sugere: “Joaninha deixe as flores sobre a mesa e vá buscar água na bica do Jardim”. Apesar de seus cinco anos, a menina ainda não controla bem os movimentos. D. Maria lembra: “Joaninha, segure o vaso com as suas mãos” [...] (MARINHO, 1967, p. 65).

À “conversa inicial”:

À medida que chegam, as crianças sentam-se no chão, perto da professora. Todos ouvem atentos as novidades. Vera trouxe conchas para o museu. [...] Juquinha entra falando alto: “O lotação deu uma ‘trombada’ no ônibus!”

― “Juquinha, você pode falar baixo, estamos ouvindo bem” [...] (MARINHO, 1967, p. 65).

E prosseguem as conversações até que D. Maria indagaria as crianças sobre o “planejamento” do dia, direcionando a atenção às atividades espontâneas e livres:

― “O que vamos fazer hoje?”

― “Eu vou desenhar o lotação dando trombada no ônibus” [...].

Sem dizer nada, Olga levanta depressa e garante sua vez no cavalete de pintura. [...]. Ao seu lado Zilda e Manuel esperam... pedem, Olga não atende. Zilda perde a paciência e faz queixa à professora:

― “D. Maria, Olga não quer me deixar pintar”. [...].

Compreensiva, D. Maria dirige-se à Olga: “Sua pintura está bonita. Acabe de colorir o Jardim, e agora vá pregar seu trabalho no quadro de exposição” [...] (MARINHO, 1967, p. 66).

**Os modos de ensinar e educar de Nazira Abi-Sáber**

A professora mineira Nazira Féres Abi-Sáber foi outra autora de literatura pedagógica do século XX de grande expressão no cenário educacional brasileiro no século XX. Conselheira Estadual de Educação em Minas Gerais, Membro da OMEP (Organização Mundial para a Educação Pré-escolar), Técnica de Didática de Educação Pré-primária do PABAEE, Orientadora Geral das Classes Pré-primárias do Estado de Minas Gerais e formada em curso de Educação Elementar na Universidade de Indiana (Estados Unidos), a professora construiu sua obra pedagógica em articulação à formação de professores. Autora de diversos manuais pedagógicos, boa parte financiada e autorizada pelo PABAEE, uma de suas principais obras é *O que é jardim de infância*.

Assim como Heloísa Marinho, a autora mineira defende uma educação pré-primária baseada na “atividade espontânea e criadora da infância” (ABI-SÁBER, 1965, p. 29). A sua noção de atividade criadora, porém, se distancia da de Heloísa Marinho, na medida em que defende que a “[...] força da expressão criadora depende do que o indivíduo possui no seu interior”, considerando que “[...] não se pode criar do nada” (ABI-SÁBER, 1965, p. 29). Compartilhando as ideias de Froebel acerca da percepção, a autora defende a permanência de uma “educação dos sentidos”, princípio da pedagogia froebeliana do *Kindergarten* e da pedagogia científica de Maria Montessori.

Para a professora mineira só é possível enriquecer a capacidade de expressão das crianças pelo vasto caminho “[...] das experiências concretas e reais. O que veem, ouvem, sentem, observam e aprendem será elaborado e, a seguir, transformado em cores, formas e movimento” (ABI-SÁBER, 1965, p. 30). Assim, propondo um “resumo” dos objetivos do seu Jardim de Infância, estabelece que:

*Viver e conviver* no grupo a que pertence, prepará-la para a aprendizagem futura e deixá-la *expressar-se*, livre e espontaneamente, através da atividade artística e criadora, são os objetivos fundamentais do moderno Jardim da Infância (ABI-SÁBER, 1965, p. 30, grifos da autora).

Havendo como orientação a “aprendizagem futura” das crianças, Nazira Abi-Sáber debate as condições materiais, as atividades iniciais e o ambiente do Jardim de Infância, assim como aspectos relacionados à matrícula, ao número de alunos por sala de aula, a relatórios, fichas de avaliação etc. Assim como Montessori, as condições materiais da instituição infantil assumem relevante valor; pois os “[...] pequeninos do Jardim da Infância [...] necessitam de um ambiente agradável, sadio, espaçoso e repousante, onde possam trabalhar e brincar, não só dentro como fora de casa” (ABI-SÁBER, 1965, p. 33).

Para a autora, é no espaço escolar que a “[...] professora imaginativa e de bom gosto disporá de tal maneira os móveis e o material de manipulação, que estimulará constantemente a atividade infantil” (ABIR-SÁBER, 1965, p. 75). Propõe, então, que a sala de aula seja organizada mediante “centros de interesse”, pois o que a torna agradável “[...] é a organização ou disposição do material em ‘cantos’ ou ‘centros’ em torno dos quais se globalizam os interesses e atividades das crianças” (ABI-SÁBER, 1965, p. 77). Sugere, assim, a organização de 8 (oito) “centros”: i) Centro da biblioteca ou cantinho do livro; ii) Centro de manipulação ou trabalho; iii) Centro de aritmética; iv) Centro de música; v) Centro de ciências; vi) Centro de artes; vii) Centro de jogos; e, viii) Centro do brinquedo ou cantinho das bonecas (ABI-SÁBER, 1965, p. 77-78).

Embora essas condições materiais permitissem agrupar crianças de acordo com suas habilidades e a aquisição de bons hábitos, para Nazira Abi-Sáber, o “[...] centro, porém, de toda a situação de aprendizagem [...] é a *professora*” (ABI-SÁBER, 1965, p. 79, grifo nosso). Sendo a educadora infantil o “centro” do processo de aprendizagem, a autora adverte que a professora deve ter sempre em mente que “[...] as crianças são, antes de tudo, criaturas humanas”, e que o objetivo do Jardim de Infância corresponde a “[...] obter delas o máximo desenvolvimento possível” (ABI-SÁBER, 1965, p. 103).

De conformidade a essa orientação, a autora defende que é preciso considerar uma “[...] certa regularidade no horário para facilitar a aquisição de bons hábitos, e para que as crianças fiquem bem orientadas e sintam uma sensação de conforto e segurança” (ABI-SÁBER, 1965, p. 104). Nesse sentido, recomenda um horário escolar dividido em “etapas maiores”, organizado mediante 3 (três) etapas constituídas por 50 a 60 minutos. Essas etapas compreenderiam o “período de trabalho”, o “período de brinquedo” e o “período da expressão livre”. Esses blocos de tempo maiores seriam, porém, permeados por “atividades de rotina”, entre as quais estariam o recreio, o repouso, a merenda e o uso das instalações sanitárias.

Conforme esses períodos, Nazira Abi-Sáber oferece 4 “modelos” de organização do horário escolar. Como a autora especifica os modos de ensinar e educar na escola infantil mediante a sistematização do “Horário A”, no capítulo denominado “Um dia no Jardim da Infância”, optou-se por realizar a análise a partir dessa primeira proposta. Nomeando a sua professora “D. Maria”, como identificou Heloísa Marinho, esclarece que as exemplificações ofertadas referem-se a uma turma de 6 anos.

Segundo a exemplificação da autora, D. Maria chega à classe às 7h15, já encontrando “[...] tudo bem limpo, varrido e espanado”. Começa, então, a preparar o ambiente para o “período de trabalho”. Verifica os cantinhos de livros, de aritmética, de brinquedos... Em seguida, cola em lugar de destaque, próximo ao “quadro de notícias”, um “tripé ou porta-retratos” com o “quadro de flanela”, o “quadro de fichas” e o “calendário”. Às 7h30, o portão é aberto e as crianças entram, sendo conduzidas pelos pais ou responsáveis. Enquanto adentram a sala, cumprimentam e abraçam a professora, que “[...] se desdobra em carinho” (ABI-SÁBER, 1965, p. 107). São iniciadas, então, conversações; tais as que se seguem: “― Como vai Paulinho? [...] Mais animado a trabalhar? [...] ― E você Marta, melhorou da gripe? Deixe-me ver... abre a boca para eu examinar sua garganta... [...]” (ABI-SÁBER, 1965, p. 108).

Às 8h00, a educadora dá um “sinal”, podendo ser um toque de piano ou outro som qualquer, e os alunos se dispõem à sua volta. Posteriormente, colocam-se de pé e, “[...] numa atitude muito respeitosa, todos ficam de mãos postas e, quando a classe já está bem silenciosa e quieta, a professora reza com ela uma pequena oração”. A oração, segundo a autora, poderia ser uma invocação breve, como: “Senhor! É muito difícil obedecer! Ensinai-nos a obedecer imediatamente, a obedecer com alegria!” (ABI-SÁBER, 1965, p. 108-109).

Terminada a oração, as crianças sentam-se à volta da educadora, que se sentará, igualmente, “[...] numa cadeira baixa, ou mesmo no chão, com as crianças”. Feito o procedimento, dar-se início à “chamada”, com o auxílio de um “porta-cartazes” contendo um porta-fichas. Feita a chamada, D. Maria passaria, então, à escolha dos “líderes” ou “ajudantes do dia”. Estes se incumbiriam de guardar o porta-fichas, e, no tripé, colocar o “Calendário”. Inicialmente, os dias da semana seriam escritos por D. Maria. Posteriormente, pelas próprias crianças.

Como Heloísa Marinho, a autora mineira ressalta a importância do planejamento feito com as crianças; enfatizando que a “[...] garantia do sucesso do trabalho em grupo é o planejamento das atividades, feito pelos alunos e pela professora” (ABI-SÁBER, 1965, p. 116). Todavia, esse planejamento dar-se-ia sob a direção da educadora. D. Maria pegaria uma folha de papel, afixando-a ao quadro, e com lápis de cor escreveria em “letra manuscrita” o plano elaborado com a ajuda dos alunos:

*Que vamos fazer hoje?*

pintura no cavalete, desenho, colagem, trabalhos em argila.

*Depois do recreio resolvemos*:

dramatizar a história dos três porquinhos, ouvir discos, brincar de “Macaquinho disse” [...].

*Coisas que resolvemos fazer para melhorar a nossa disciplina*:

Falar um de cada vez; Falar em voz baixa; Andar devagar;Tratar bem os colegas; Obedecer prontamente; Respeitar aos mais velhos (ABI-SÁBER, 1967, p. 117, grifos da autora).

Quanto às atividades de “rotina”, Nazira Abi-Sáber alerta que um bom “recreio” deve constituir um “[...] motivo de expansão e um derivado para as tensões e preocupações infantis”. O “repouso”, por seu turno, não precisaria ser dirigido por uma técnica “uniforme”, obrigando às crianças a “[...] permanecer de olhos fechados, e absolutamente imóveis” (ABI-SÁBER, 1965, p. 122-123).

As “atividades em conjunto”, por sua vez, se integrariam a temas especiais ou “unidades de trabalho”. Nazira sugere, então, que os trabalhos de ciências naturais tenham preferência nas ocupações diárias, pois o Jardim de Infância deveria constituir um “[...] campo de preparação para a futura atividade científica”. As crianças deveriam observar, investigar, experimentar e satisfazer a sua grande curiosidade. As “excursões”, desse modo, deveria ocupar todo ano escolar. Nessas atividades, a professora não poderia esquecer a capacidade de atenção das crianças. D. Maria deveria, assim, oferecer um “[...] exercício respiratório [...] que permita a distenção muscular e o descanso mental” (ABI-SÁBER, 1965, p. 123-124).

**Considerações finais**

A literatura pedagógica de Nazira Abi-Sáber foi apoiada e autorizada pelo PABAEE, durante a administração de Anísio Teixeira do INEP. Em seus manuais, o Jardim de Infância proposto é uma escola infantil organizada em “centros de interesse”. Heloísa Marinho também defendeu um Jardim de Infância estruturado em centros. A função preparatória do Jardim em face de uma escolarização posterior, porém, aparece mais realçada na literatura de Abi-Sáber do que na de Marinho.

Considerada a repercussão dos trabalhos desenvolvidos pelo PABAEE nas décadas de 1950 e 1960, no sentido de reorganização metodológica das escolas brasileiras (PAIVA; PAIXÃO, 2002), entende-se que os modos de ensinar e educar instituídos nas instituições de educação infantil, por meio de saberes autorizados difundidos em manuais pedagógicos, se aproximaram mais da literatura de Nazira Abi-Sáber; conforme demonstra o trabalho doutoral de Fernandes (2018).

Esse entendimento parte do princípio de que a forma escolar (VINCENT; LAHIRE; THIN, 2001), embora exerça um efeito duradouro, acompanha as transformações ocorridas na sociedade. Sendo assim, o alto índice de repetência e evasão escolar, sobretudo na primeira série primária, colaborou para que a educação infantil fosse, gradativamente, assumindo uma identidade escolar, em vistas a uma educação das crianças pautada nas singularidades da primeira infância.

**Referências**

ABI-SÁBER, Nazira Féres. **Jardim de infância**: programa para crianças de 5 e 6 anos. Programa de Assistência Brasileiro-Americano ao Ensino Elementar (PABAEE) – Belo Horizonte-MG, 1963.

\_\_\_\_\_\_. **O que é Jardim de infância**. Rio de Janeiro-RJ: Editora Nacional, 1965.

DEWEY, John. **A escola e a sociedade. A criança e o currículo**. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 2002.

FERNANDES, Hercília Maria. **Aprender e apreender no Jardim-Escola (Caicó, Rio Grande do Norte, 1960-1993)**. Natal-RN: UFRN, 2018, 367f. (Tese de Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

LEITE FILHO, Aristeo G. **História da educação infantil** – Heloisa Marinho, uma tradição esquecida. Petrópolis, RJ: De Petrus, 2011.

MARINHO, Heloísa. **Currículo por atividades**: jardim de infância e escolas de 1º Grau. Rio de Janeiro: Editora Papelaria América, 1980.

\_\_\_\_\_\_. **Vida e educação no jardim de infância**. Programa de Atividades. 3. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1967.

PAIVA, Edil Vasconcelos; PAIXÃO, Léa Pinheiro. **PABAEE (1956-1964**). A americanização do ensino elementar no Brasil? Niterói-RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2002.

TEIXEIRA, Anísio Spínola. A educação pré-escolar. In: \_\_\_\_\_\_. **Educação para a democracia**: introdução à administração educacional. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007. (Coleção Anísio Teixeira, v. 4).

\_\_\_\_\_\_. **Pequena introdução à filosofia da educação**: a escola progressiva ou a transformação da escola. 8. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

VALDEMARIN, Vera Tereza. **História dos métodos e matérias de ensino**: a escola nova e seus modos de uso. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção Biblioteca básica da história da educação brasileira, v. 6).